

EDITORIAL

O presente número da **Phoînix** presta uma homenagem ao aniversário de 450 anos da cidade do Rio de Janeiro, completados no último dia 01 de março. Em se tratando de uma revista genuinamente carioca, a **Phoînix** não poderia deixar de registrar os festivos comemorativos de sua cidade natal. A imagem de capa deste número, criada pelo professor Alexandre Santos de Moraes, almeja sintetizar os diálogos estabelecidos pelo Laboratório de História Antiga (Lhia) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) com a cidade do Rio de Janeiro. Desde 1993, o Lhia atua no fortalecimento dos estudos sobre a Antiguidade Clássica no âmbito do Rio de Janeiro. Já a **Phoînix**, desde 1995. Assim sendo, os sete artigos que compõem o presente número, escritos por pesquisadores nacionais e internacionais que se dedicam ao estudo da Antiguidade a partir de aportes documentais de natureza diversificada, participam das comemorações de nossa cidade.

Os dois primeiros artigos do presente número fazem, direta ou indiretamente, uma homenagem ao saudoso professor Ciro Flamarion Cardoso, falecido em 2013, e foram inicialmente apresentados em forma de conferência no *XXIV Ciclo de Debates em História Antiga: milênios de interessantíssimas experiências humanas*, ocorrido em outubro de 2014 e dedicado a enfatizar a importância do professor Ciro Flamarion para a historiografia brasileira.

Questões vinculadas ao exílio e ao banimento resultantes de uma forma de censura a intelectuais na Antiguidade e na contemporaneidade foram tratadas no artigo produzido por Sonia Regina Rebel de Araújo - desde experiências vividas por Moses Finley durante o macarthismo até o contexto da ditadura militar no Brasil foram objetos de análise da autora. Não podemos deixar de lembrar que o início da carreira acadêmica do professor Ciro coincide com a ação do governo militar em nosso país, o que resultou na sua ida para Paris. A autora defende que o exílio e o banimento foram formas comuns de afastar adversários ou opositores na Antiguidade utilizando-se do processo sofrido por Apuleio de Madaura, no século II, relatado em seu texto **Apologia**.

Já o artigo escrito por Margaret M. Bakos revisita a tese intitulada **Hekanakht: pujança passageira do privado no Egito antigo** que o professor Ciro Flamarion produziu, na década de 80, para o concurso de professor titular do Setor de História Antiga da UFRJ. O artigo, além de situar a referida tese e analisar sua

metodologia, ainda revela seu pioneirismo ao escolher um *corpus* documental constituído por *escritas de si*. A documentação e a análise de Ciro são valorizadas, de forma indireta, à luz de textos da lavra de Yaroslav Cerny (1898-1970).

Três dos artigos seguintes se dedicam ao estudo da sociedade grega antiga. Dois utilizam como documentação o gênero poético. Maria Cecília Colombani se centra no Período Arcaico (séculos VIII-VI a.C.) e reflete acerca da aliança saber-poder-verdade a partir da poesia de Hesíodo, articulada ao pensamento de Michel Foucault; enquanto Maria de Fátima Sousa e Silva amplia o corte cronológico ao se voltar para o Período Clássico (séculos V e IV a.C.). A autora aborda os tipos citadinos na poesia cômica de Aristófanes, defendendo que, na comédia antiga, determinados tipos cômicos vão se fixando dentro de uma convenção permanente, sendo todos eles, nesta velha fase da comédia, figuras de alcance político.

As imagens pintadas na cerâmica ática, também do Período Clássico, foi a documentação utilizada por Fábio de Souza Lessa e Renata Cardoso de Sousa para pensar sobre o *agôn* na esfera das práticas esportivas gregas, defendendo que, na *pólis*, o esporte é elemento de civilização, unindo os cidadãos e constituindo uma noção de fronteira étnica.

Na sequência, temos os dois artigos que encerram o presente número da revista. A partir de um diálogo entre a documentação escrita e a cultura material, Maria Cristina N. Komikiari propõe apresentar novos desenvolvimentos teóricos e metodológicos no âmbito da Arqueologia Mediterrânea em geral e da Arqueologia Fenício-Púnica em particular. As concepções teóricas foram testadas frente às documentações escritas e, principalmente, materiais, quando a autora opta por abordar alguns estudos de caso na Sardenha, Península Ibérica e Norte da África.

O artigo de Rafael Scopacasa objetiva demonstrar como uma abordagem contextual à cultura material pode ajudar-nos a compreender o impacto cultural da hegemonia romana, tendo como foco os ex-votos anatômicos de terracota, considerados por muitos estudiosos como indicadores da “disseminação” de cultura romana ou latina pela Itália. O autor defende que, embora o uso desses ex-votos possa ter se iniciado nas proximidades de Roma, comunidades em outras partes da Itália ativamente ressignificaram esses artefatos segundo as suas próprias disposições e prioridades culturais.

Por fim, fica o desejo de que o Rio seja sempre a cidade maravilhosa!

Os Editores